

Os perigos de ser “um cidadão de bem”



Leitura de Espelho do Ocidente de Jean-Louis Vullierme contribui para compreender e informar as bases da monstruosidade nas sociedades, e como aquilo que parece distante não é impossível de reaparecer, levando-nos a pensar em quanto algumas crenças e visões de mundo perigosas estão mais próximas do que estamos dispostos a admitir

Por José Costa Júnior*

Quando acompanhamos narrativas sobre os acontecimentos ligados à ascensão do nazismo na Alemanha no período anterior à Segunda Guerra Mundial algumas dificuldades explicativas podem surgir. De maneira geral, essa dificuldade de compreensão pode envolver as seguintes questões: *Como foi possível? Como uma das sociedades mais avançadas da Europa fez o que fez? Como as pessoas aceitaram a sucessão de violências e absurdos?* Tais perguntas encontram respostas de complexidade variada nos diversos meios em que são colocadas – história, filosofia, cinema, literatura, entre outros. No entanto, curiosamente, uma tendência é que as análises muitas vezes afastem a normalidade e à nós mesmos daqueles acontecimentos, destacando o caráter único e diferenciado daquelas ações e circunstâncias. Seja por uma “loucura insidiosa”, ou “um elemento maligno” presentes naquele momento, essa curiosa percepção também se apresenta na maioria das tentativas de reconstrução dos eventos ligados ao período. Aquela sociedade, naquele momento, aceitou o que aceitou e fez o que fez devido à circunstâncias específicas, que temporariamente lhe alijaram da civilização e do humanismo. Num determinado espaço de tempo, algo estranho dominou consciências, minimizou a humanidade de alguns, a partir de ideias estranhas de superioridade e aniquilação que foram aceitas em nome de promessas e esperanças. O mal e o sofrimento tornaram-se “banais”, dado que os sujeitos não pensaram suficientemente bem e/ou foram seduzidos por carismas e discursos. Assim, a responsabilização daquele povo foi e é necessária, mas há sempre o senão do caráter específico e estrutural do tempo, do lugar e do contexto.

Tais considerações, que retiram o nazismo, suas causas e efeitos da normalidade civilizadora, são abordadas e questionadas em diversos aspectos pelo filósofo francês Jean-Louis Vullierme em *Espelho do Ocidente: O nazismo e a civilização ocidental*, livro lançado originalmente em 2014 na França e que recebeu tradução no Brasil em 2019. Trata-se de um ensaio histórico-filosófico bem fundamentado e estruturado que, apesar de algumas possíveis críticas, oferece análises e reflexões estimulantes e informativas para que se possa compreender melhor as raízes e especificidades do nazismo. Vullierme ampara suas análises em vasta erudição e documentação (mais de 100 páginas de notas explicativas e bibliografia), juntamente com uma grande capacidade reflexiva sobre os fundamentos dos modos tradicionais pelos quais o Ocidente compreende o mundo, aproximando-os ao nazismo. Não é o caso de “sermos todos nazistas”, mas de se compreender que aquela sociedade e aquelas pessoas não são tão diferentes assim de nós e não foram assolados por uma “praga irracionalista” repentina que os estimulou à brutalidade e ao extermínio. Mais do que isso, as bases ideológicas que nortearam suas práticas estão disponíveis na mesma tradição de pensamento que nos guia em nossas concepções mais profundas acerca da realidade e da sociedade aqui no Ocidente. A análise nos assusta e parece excessiva num primeiro momento, mas, ao acompanharmos seus argumentos, vemos o quanto ser “um cidadão de bem” pode ser perigoso. Em suas palavras: